

No dia 30 de dezembro de 2017 elas realizaram a primeira festa da associação para angariar fundos para o grande sonho do grupo, a construção de uma minipadaria para que possam assar seus bolos, pães e biscoitos usando os produtos de seus quintais.

Hoje com 53 anos, tranquila em seu quintal, Marinês gasta o tempo com as coisas mais que gosta. Cuida de suas plantas



medicinais como a guiné, cânfora, arruda, aranto ou hortelã macho; cuida também de suas arvores frutíferas como a goiabeira, o pé de acerola, os limões e laranjas, umbus, pinhas e cajus, pokans e maracujás do mato. Ela também planta couve, alface, tomate, coentro, rúcula e confessa que desde que a chegada da cisterna de produção, nunca mais comprou hortaliça nenhuma.

“Já tinha a primeira água de consumo, veio mais uma riqueza: a de produção, onde eu planto minhas hortas, verduras, frutas e algumas plantas medicinais, sabendo que estou consumindo produtos sem agrotóxicos químicos. Se todos contribuíssem um pouco o mundo seria melhor, e a natureza agradecia muito mais.”

O que a família não dá conta de consumir da produção orgânica do quintal é vendida para os vizinhos e, aos sábados, Marinês entrega encomendas de moto para clientes em Livramento.



Para controlar as pragas, ela usa extratos naturais à base de arruda, pimenta e fumo e realiza adubação com esterco e unira de gado. Ela ainda faz mudas de maracujá o ano inteiro para vender.

“Elas saem daqui 100 % orgânicas, se colocam veneno depois eu já não sei” brinca Marinês.



Marinês - A força da Mulher do Semiárido

Marinês Amorim da Silva nasceu na Semana Santa de 1965, filha de lavradores da comunidade de Formosa, zona rural de Livramento de Nossa Senhora-BA.

Sendo a filha mais velha entre 9 irmãos e irmãs, Marinês sempre ajudou os pais nas tarefas de casa, fosse arrumando a casa, lavando roupas ou cuidando dos irmãos.

Naqueles tempos as chuvas eram frequentes e os pais plantavam arroz, feijão, milho, mandioca e fumo com abundância no terreno da família.



Reunidos, ficavam até tarde da noite ralando mandioca em rodas de mão, tirando tapioca e fazendo farinha e puba; as sobras serviam de alimento para a criação.



A mãe de Marinês fazia flores artesanais e fiava linhas de algodão para fazer cobertas, toalhas e roupas de algodão para a família e para venda também.

O patriarca além de agricultor era tropeiro, e saía com a produção no lombo do animal para vender na cidade de Caetité, complementando a renda e a mesa da família com café cru,

rapadura e outras delícias que trazia na volta do município cercano.

Estudar naquela época não era fácil, em Formosa não havia escola e por isso estudavam em casa mesmo. Com onze anos, Marinês foi convidada por seu padrinho Zelinho Romeu para morar com ele em Várzea e frequentar a escola.

Ela adorava estudar, mas se viu obrigada a abandonar a sala de aula por um tempo por questões financeiras ao concluir a 7ª série.



Com 18 anos, sem experiência na área mas encantada pela ideia de compartilhar conhecimento com os outros, foi convidada pelo prefeito para ser professora na comunidade rural de Fabiano. Aceitou de pronto e a partir daí seu sonho passou a ser o magistério, para qualificar seu trabalho na sala de aula.

Iniciou como professora leiga em uma classe multisseriada com alunos do pré a 4ª série. Além das aulas, preparava as refeições e limpava a escola. Teve a oportunidade de nomear a escola em conjunto com outros, a Escola Municipal Sebastião Ferreira e Silva.



la dar aula de bicicleta ou a cavalo todos os dias. De tempos em tempos era transferida para diferentes comunidades, muitas vezes longe de casa. Lecionou nas comunidades de Lajedo, Lagoa da Pedra e Formosa. Dava seu melhor. Era sua paixão.



Com 21 anos, em 1986, conheceu o agricultor Américo. Começaram a namorar e depois de 3 anos resolveram se casar, passou a se chamar Marinês da Silva Dias. Pouco tempo após a união o casal teve sua primeira filha, Tatiane; com dificuldades para se deslocar para longe para trabalhar, se mudaram a comunidade de Formosa onde moram atualmente.

A segunda e a terceira filha vieram, Elaine e Dayane, e, para ajudar no sustento da casa, Américo passava de 6 a 8 meses do ano em São Paulo, trabalhando em uma usina de cana-de-açúcar. O restante tempo ele passava cultivando suas roças com a família na Bahia. Foram anos nesta rotina.

Tudo ia bem até que uma lei que proíbe professores leigos de lecionar ser sancionada. Marinês não poderia seguir ensinando. Decidiu então voltar à escola para finalizar o ensino médio e cursar o magistério via ensino a distância através do programa ProFormação.

A estas alturas, duas de suas filhas já estavam em idade escolar e acompanhavam a mãe. A mais nova ficava com Dina, cunhada que sempre ajudou muito a família.



Em meio a muita dificuldade conseguiu se formar e seguiu trabalhando até se aposentar, com 28 anos de contribuição.

Apesar da aposentadoria, Marinês nunca foi mulher de ficar parada. Assim, em meados de 2012, ela e um grupo de cerca de 15 mulheres animadas com o recente projeto de cisternas de produção que atendeu a diversas comunidades rurais de Livramento de Nossa Senhora, começaram a se reunir com a intenção de fundar uma organização, a Associação de Mulheres de Lagoa da Pedra e Regiões Circunvizinhas.



Em 2013 a associação saiu do papel e foi legalizada. Hoje ela conta com mais de 80 agricultoras das comunidades de Lagoa do Leite, Sapato, Lourenço, Sítio Novo, Lajedo, Fabiano, Formosa, Lagoa da Pedra e Palangola. Elas se reúnem todos os últimos sábados do mês na sede que conseguiram através de doação da prefeitura.



Com o fortalecimento gradual da associação, as mulheres passaram a sonhar cada vez mais alto. Após muitos encontros, reuniões, conversas e debates, elas conseguiram trazer muita coisa boa para as comunidades: diversas capacitações em artesanato, pintura, manicure, doces finos, além de palestras e conversas com psicóloga. Passaram também a acessar políticas públicas como o Agroamigo, Seguro Estado, projetos de cisternas e outros.

